

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ANTÔNIO ADEMAR BEZERRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Antônio Ademar Barahuma Bezerra (AB)

Entrevistadoras – Alunas de Maria Leide W. de Oliveira: Maria Elisa Lenzi e Juliana

Data – 03/05/2002

Local – Cruzeiro do Sul/AC

Duração – 27min

Transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Sumário – Mariana Santos Damasco

Resenha biográfica – Mariana Santos Damasco

Conferência de fidelidade – Mariana Santos Damasco e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BEZERRA, Antônio Ademar Barahuma. *Antônio Ademar Barahuma Bezerra. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 24 p.

Resenha biográfica

Antônio Ademar Barahuma Bezerra nasceu no dia 12 de junho de 1936, na cidade de Vila Portoal, no Acre. De uma família numerosa composta por seus pais e treze irmãos, desde pequeno sempre gostou muito de jogar futebol. Aliás, é por causa de sua maneira de jogar bola que surgiu o apelido Dr. Coragem.

Aos 15 anos saiu de Vila Portoal junto com a família e foi para a região de Cruzeiro Sul, também no Acre. Nessa localidade completou o Ensino Fundamental e trabalhou como carpinteiro e garçom.

Em 1958, foi convidado pelo então médico do Serviço de Dermatologia, Dr. Abel Pinheiro Maciel Filho, para atuar na Secretaria do Dispensário de Lepra de Cruzeiro do Sul. Após dois anos de atuação no órgão, foi efetivado como funcionário municipal. Em 1962, se enquadrou como funcionário federal, de acordo com a Legislação vigente naquele momento.

Em 1972 trabalhou como tesoureiro no Hospital Geral de Cruzeiro do Sul. No mesmo ano o convidaram para retornar ao Serviço de Dermatologia, só que dessa vez na função de paramédico. Dessa maneira, junto com os doutores Hélio Nunes e Francisco de Pádua, Dr. Coragem percorreu toda a região do Acre e do Amazonas procurando novos casos de hanseníase e levantando os já existentes. Além disso, treinou vários profissionais da área de hanseníase.

Antônio Ademar se aposentou oficialmente em 1996. No entanto, continua atendendo os pacientes de hanseníase da região amazônica.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Sobre o local de nascimento em Vila Portoal, no Alto Juruá, Acre; informações sobre a origem de seu apelido *Coragem* e a apreciação pelo futebol; comentários sobre os pais, irmãos, esposa e filhos e lembranças da infância; o trabalho na secretaria do Dispensário de Lepra, de Cruzeiro do Sul e o primeiro contato com a hanseníase, em 1958; formação escolar e a mudança com a família de Vila Portoal para Cruzeiro do Sul, em 1951, aos 15 anos; o emprego de tesoureiro no Hospital Geral de Cruzeiro do Sul em 1963 e o retorno, em 1971, ao Serviço de Dermatologia, da Secretaria de Saúde do Estado do Acre; comentários sobre Hélio Nunes e Francisco de Pádua e o aprendizado com estes médicos; informações sobre como se tornou um funcionário público federal e sua aposentadoria, em 1996; comentários sobre o isolamento compulsório, a separação das famílias dos hansenianos e o Leprosário de Cruzeiro do Sul; o preconceito que cerca a doença, a não ida para a Superintendência de Campanhas (SUCAM) e a satisfação com o trabalho de atendimento à população atingida pela doença no Alto e Baixo Juruá e com a equipe de trabalho; as mudanças nas políticas de controle da hanseníase e a poliquimioterapia; o trabalho de conscientização dos habitantes daquela região e a insatisfação com a municipalização do Serviço Nacional de Lepra; questões relativas à cura da hanseníase e sua mudança de nome; as doses dos medicamentos; o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN) e a relação dos hansenianos com a comunidade; relatos de casos de pacientes e sua esperança em ver o Acre eliminar a hanseníase; considerações sobre a necessidade de uma maior assistência às pessoas que residem no Baixo Juruá.

Fita 1 – Lado B

Não há gravação na Fita 1 – Lado B

Projeto de pesquisa – Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Antônio Ademar Barahuma Bezerra (AB)

Entrevistadoras – Alunas de Maria Leide W. de Oliveira: Maria Elisa Lenzi e Juliana

Data: 03/05/2002

Fita 1 – Lado A*

Ent: Estamos aqui entrevistando o senhor Antônio Ademar Barahuma...

AB: Bezerra.

Ent: Bezerra, o Coragem daqui de Cruzeiro do Sul. Bom, Coragem seu nome completo, não é? É esse que eu...

AB: Antônio Ademar Barahuma Bezerra.

Ent: Sim, e você nasceu onde?

AB: Em Vila Portoal, hoje município de Portoal.

Ent: É aqui no Alto Juruá, não é?

AB: Alto Juruá, é.

Ent: E qual é a sua data de nascimento?

AB: É no dia 12 de junho de 1936.

Ent: Nossa, e diz uma coisa (**risos**) o seu nome, você já me falou ontem mas repete aí esse seu apelido de corajoso vem de onde?

AB: Do campo de futebol.

Ent: (**risos**) Você era um bom jogador, você fazia gol?

AB: Bem, demais, não é? Melhor do que o Romário.

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Palavra em *italico* – não pertence à Língua Portuguesa.

Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.

(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensando, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.

Palavras em (**negrito e entre parênteses**) - necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,

(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

Ent: Êpa! Mas por quê que eles te chamavam de Coragem?

AB: Não, porque eu era guri então no meio dos homens lá eu enfrentava eles, a bola e tudo e tomava a bola deles me davam sarrafa e eu ia embora.

Ent: (risos) E aí ficou Coragem, Coragem e Coragem está até hoje?

AB: Esse tem muita coragem, esse tem muita coragem e ficou... por isso o apelido de coragem.

Ent: Ah! É um apelido simpático, não é?

AB: É, eu acho que é, que até na igreja quando o padre vai rezar a missa ele diz: ‘ - Olha, vocês tenham Coragem’.

Ent: (**rindo**) Está vendo?

AB: Tem sempre o Coragem no meio.

Ent: Muito bem! Diz uma coisa, seu pai... seu pai era daqui do Acre?

AB: Rio Grande do Norte.

Ent: Nossa seu pai veio de longe, hein? Atravessou o país, não é? Aí ele veio caminhando aqui para o Acre? Veio atrás da borracha?

AB: Não, veio atrás da minha mãe (risos.)

Ent: Então sua mãe era acreana?

AB: Acreana, da gema não é?

Ent: (risos) Ah, certo. E olha só e seu pai era Potiguar, não é?

AB: Potiguar.

Ent: Do Rio Grande do Norte.

AB: Justamente.

Ent: E ele mudou para cá a trabalho? Ele trabalhava em quê?

AB: Era escrivão de polícia.

Ent: Ah, tá e a sua mãe?

AB: Ela era doméstica.

Ent: Doméstica? Mas na realidade teu pai veio para cá atrás dela, como você me falou, não é?

AB: É verdade. (risos)

Ent: E quantos irmãos você teve, ô Coragem?

AB: 13.

Ent: 13? Estão todos vivos?

AB: Não, só tem vivo seis.

Ent: Certo. E você é casado? Tem...

AB: Sou casado.

Ent: Você é casado com uma mulher daqui, do Alto Juruá também?

AB: Não, ela é do Baixo Juruá, Amazonas.

Ent: Ah, é do Amazonas?

AB: É.

Ent: Então você não casou com uma acreana?

AB: Não.

Ent: Você foi lá no Amazonas...?

AB: Foi com amazonense.

Ent: Com amazonense, ora! E você tem quantos filhos?

AB: Sete filhos.

Ent: Sete. E você me falou ontem que um trabalha com você, aliás, você me apresentou ele ontem não é? Como é que é o nome dele?

AB: Emílio Lavoisier Maciel Bezerra.

Ent: **(pausa)** ah...

AB: Emílio Lavoisier Maciel Bezerra.

Ent: Ele trabalha com você na hanseníase?

AB: É.

Ent: E os outros têm outros ofícios, estão todos vivos trabalhando?

AB: Estão todos vivos, trabalhando.

Ent: E me diz uma coisa, quais são as principais lembranças assim da sua infância aqui no Alto Juruá?

AB: As principais lembranças é futebol, não é?

Ent: Ah, claro! Como Coragem... (risos) aliás, o futebol o senhor não pode esquecer, não é?

AB: Comecei novo no futebol e joguei até os 42 anos futebol, não é?

Ent: Até os 42? Por que parou?

AB: E fui tricampeão pelo Juruá *Sport Club*. (risos)

Ent: (risos) Certo. E diz uma coisa aí como é que começou isso de você trabalhar com hanseníase, você trabalhou, começou a trabalhar com a lepra, não é? Naquela época se chamava lepra. Em que ano? Como é que você...

AB: Em 1958.

Ent: Que você começou a trabalhar com a lepra?

AB: Hanseníase.

Ent: Certo. E como é que isso aconteceu?

AB: Aconteceu porque ia embora uma moça que trabalhava em escritura... era escrituraria. Então o médico do serviço de dermatologia, Dr. Abel Pinheiro Maciel Filho, ele precisava de uma pessoa para ficar no lugar da... dessa secretária, não é? Então ele me convidou e eu fui treinar, passei dois anos treinando sem ganho...

Ent: Sem receber.

AB: Sem receber nenhuma remuneração para quando ela saísse eu assumir a vaga dela.

Ent: Então você começou sendo secretário do... na vaga da secretária, não é?

AB: Justamente isso.

Ent: Qual era o nome do órgão?

AB: Era Dispensário de Lepra de Cruzeiro do Sul. Naquele tempo era lepra.

Ent: Hum, hum e me diz uma coisa, você estudou até que ano?

AB: Até fiz o ginásio.

Ent: Fez o ginásio completo?

AB: Fiz.

Ent: Aqui em Cruzeiro mesmo?

AB: Aqui em Cruzeiro do Sul.

Ent: Você saiu lá da sua cidade e veio pra Cruzeiro com que idade?

AB: Eu vim com... eu cheguei em 51, 36 para 51 dá o quê?

Ent: Ave Maria! 15 anos.

AB: 15 anos (risos). Vim pra aqui com 15 anos de idade.

Ent: Mas você saiu de lá para cá para trabalhar? Ou porque a família veio?

AB: Não, eu vim com a família; a família veio, meu pai foi transferido para Cruzeiro do Sul como escrivão de polícia, entendeu? Então eu vim aqui...

Ent: Hum, hum e o primeiro emprego que você teve foi esse, não?

AB: Não, o primeiro emprego que eu tive foi ser carpinteiro.

Ent: Ih! Então você fazia móveis?

AB: Ainda era guri novo, com 16 anos eu comecei a trabalhar, trabalhar como carpinteiro, mas não sabia nem fazer um sofá, fui e caí fora (risos).

Ent: Mas carpinteiro faz telhado (risos).

AB: Faz móvel, não é?

Ent: (risos) Aí depois você falou que foi garçom, não é?

AB: Fui garçom.

Ent: Mas também não...

AB: Aí não deu certo porque eu não gosto de bebida... (risos).

Ent: Aí apareceu essa oportunidade para você?

AB: Foi.

Ent: Certo. Aí você estudou até o ginásio lá no Alto Juruá ou...?

AB: Não, aqui.

Ent: Aqui, aqui em Cruzeiro do Sul?

AB: Ginásio Cravilho Costa.

Ent: Hum! Certo e me diz uma coisa, como é que foi esse começo do seu trabalho com a hanseníase? O primeiro foi nesse dispensário que você falou, não é?

AB: Foi, depois em 1960 e... [19]72 (**pausa**) aí eu fui para o... trabalhar no Hospital Geral de Cruzeiro do Sul como tesoureiro.

Ent: Hum, cuidava do dinheiro do Hospital?

AB: É, justamente isso; aí fui convidado para voltar ao serviço porque eu larguei para trabalhar no Hospital que aí eu já era funcionário contratado pelo Estado.

Ent: Certo. Isso em 1960 e...

AB: 1963.

Ent: 1963 tá.

AB: Aí fiquei... quando foi 1970... [19]71, [19]72 de [19]71 a [19]72 me convidaram para voltar ao serviço de dermatologia para trabalhar em serviço de campo, fazendo a função de paramédico, não é? Então eu aceitei e... com um rapaz que vinha... com o Dr. Hélio, que o Dr. Hélio é quem fazia a coordenação da hanseníase no município...

Ent: De Cruzeiro do Sul? No Estado do Acre?

AB: No Estado do Acre com Francisco de Pádua, que era paramédico. Então nós fomos à primeira viagem mais ou menos em [19]73, no Alto do Juruá fazer o levantamento geral. Então eu fui aprendendo com ele a função justamente que hoje ocupo, não é? E procurar novos casos, registrar, entendeu?

Ent: Então foi com esses dois, não é? Com o Dr. Hélio, você lembra o sobre nome do Dr. Hélio?

AB: Dr. Hélio... Dr. Hélio Nunes.

Ent: Hélio Nunes.

AB: Sim.

Ent: E esse Francisco de Paula?

AB: Francisco de Pádua.

Ent: Pádua que era paramédico e foram eles que começaram, te deram os primeiros ensinamentos...

AB: Justamente.

Ent: Com respeito à hanseníase.

AB: Em serviço de campo.

Ent: Em 1971?

AB: É, certo.

Ent: Certo. E olha só, você falou que começou a trabalhar em 1960 e...

AB: [19]58.

Ent: 1958, não é? Nessa época, dois anos depois você foi contratado, você foi contratado e era um funcionário federal ou municipal?

AB: Não, eu era estadual, fui contratado municipal, mas antes eu recebia uma verba federal, mas eu assinava recibo, entendeu? Então, em 1962 a lei... em 1962 houve um enquadramento federal, não é? Aí eu caí no enquadramento porque eu tinha...

Ent: Aí você virou federal?

AB: Aí virei federal; melhorou (**risos**).

Ent: Ah, que coisa boa, não é?

AB: Foi.

Ent: Aí você ficou federal até 1900 e... até ir...

AB: Até me aposentar.

Ent: Até se aposentar. Ah! Está certo.

AB: Em 1990 e... em 1996.

Ent: [19]96. Então você foi um funcionário federal?

AB: Federal.

Ent: Certo. Agora, olha só, você chegou a trabalhar com os pacientes isolados, aquele povo que era obrigado a se isolar, chamado isolamento compulsório?

AB: Cheguei, cheguei, cheguei.

Ent: É?

AB: Cheguei.

Ent: E como é que era isso, hein?

AB: Não, eles pegavam... o doente tinha problema de mal de hansen então eles internavam naquela época.

Ent: Sem perguntar se queria, se não queria?

AB: Não, era...

Ent: ...era obrigado?

AB: Era obrigado.

Ent: Igual estar preso?

AB: Era.

Ent: Fez um crime, você vai ser preso.

AB: Justamente, que aquilo foi o maior crime...

Ent: Que foi feito contra as pessoas, não é?

AB: Também acho, aí o camarada quando chegava... a mãe de família chegava, ficava uma distância de cinco a seis metros para conversar com o marido, não podia chegar nem perto. É!

Ent: Você conviveu com isso, Coragem?

AB: Convivi.

Ent: Teve que ter coragem, hein?

AB: Ficava bem longe, assim dizendo assim: ‘- Ei! Como é que vai? Como é que vai meus filhos?’’, começavam a chorar e tudo. A casinha lá no dispensário onde eu... têm umas casinhas de palha se vocês passarem por lá hoje...

Ent: A gente vai mostrar, na viagem de rio mostrou de longe, não foi?

AB: Não, as casas que tem é daqui da colônia, onde era o leprosário, entendeu?

Ent: Como é que era o nome?

AB: Leprosário de Cruzeiro do Sul; era casinha tapera, coberta de palha, então os doentes ficavam naquela área todinha, aí chegava o tempo de... chegava o Natal, a gente saía pedindo ao comércio para comprar um presentzinho pra cada um dos doentes, mas era muito triste, eu achava muito... completamente triste que naquela época o pessoal... quer dizer era um morto vivo, largava da família, não é?

Ent: E as pessoas tinham medo de passar por lá por perto?

AB: Ih...! Tinha medo; o delegado disse quando eu entrei nesse serviço: ‘- Meu filho, pelo amor de Deus não faça isso, você vai cair aos pedaços!’, eu digo: ‘- Que nada rapaz’.

Ent: O delegado falava isso para você?

AB: É, o delegado. (risos)

Ent: Ave Maria!

Ent 2: Mas teve coragem, não é?

Ent: Mas ele é corajoso (risos).

Aí... Meu amigo, tudo o que Deus faz é bem feito, não é? A gente só pega as coisas quando tem que pegar, não é?

Ent: Quando tem que pegar, isso é verdade. E esses isolamentos funcionaram até que ano?

AB: Até o ano de... acho que [19]60, [19]62, por aí assim, depois ficou livre, não é?

Ent: Depois ficou livre? Ah, tá e olha só, aí depois de [19]62 isso começou a ser desativado, começou a não acontecer mais? E a população não ficava cobrando isso, não tinha medo das pessoas?

AB: Ah, no início tinha, geralmente tinha muito medo, medo dos doentes.

Ent: E as pessoas não tinham medo de você também não?

AB: Não.

Ent: Não (risos).

AB: Não, mas é a tal coisa a gente... a gente vai pegando resistência, a gente convivendo com a pessoa doente, não é? Eu acho que sim, não é?

Ent: Não, eu não estou falando de resistência, Coragem. Eu estou falando de preconceito se as pessoas não tinham preconceito contra você...

AB: Não, não.

Ent: Porque você entrava lá?

AB: Não, não.

Ent: Você nunca sentiu isso, não é?

AB: Não, nunca senti não.

Ent: E olha só e porquê você não foi trabalhar na SUCAM [Superintendência de Campanhas]?

AB: Nunca fui convidado.

Ent: Você nunca foi convidado?

AB: Não.

Ent: E você teria ido se tivesse?

AB: Teria.

Ent: Teria?

AB: Teria, mas esse serviço eu achava... é melhor para mim do que a SUCAM [Superintendência de Campanhas], é muito mais importante... para mim é mais importante, não é? Porque me dediquei, me dediquei bem a isso e gosto do serviço e dos pacientes.

Ent: E você parece ser muito feliz, eu estava conversando isso com elas.

AB: Graças a Deus.

Ent: Que você parece ser uma pessoa feliz, feliz com a vida, feliz com o que você faz.

AB: E com os funcionários que trabalham com o Serviço de Dermatologia. (risos)

Ent: Obrigada (risos).

AB: Não, verdade sabe por quê? Eu já disse para os meninos outro dia, que nós sempre somos unidos, o pessoal de Rio Branco você viu perfeitamente aí, não é?

Ent: É, é uma equipe de trabalho unida.

AB: Parece que é a coisa mais interessante que tem, entendeu? Parece que nós somos uma família, nós temos um patriarca, não é? O Dr. Guilherme, fora de série.

Ent: É mesmo.

AB: Passou por mim, Dr. Abel Pinheiro, primeiro chefe; Dr. Jesuíno de Souza Lima; Manuel Braga Montenegro, bom chefe também, Dr. Braga era muito bom chefe. Aí veio o Dr. Hélio; Dr. Furtado e depois aí veio o patriarca agora, não é? Que ele conhece tudo...

Ent: É, esse não existe, não é?

AB: Esse é um fenômeno.

Ent: Então você ficou na Secretaria de Saúde até por... por esses motivos?

AB: Foi.

Ent: Por que você gosta do seu trabalho?

AB: Gosto sim.

Ent: Faz com amor.

AB: E carinho.

Ent: E carinho, não é? E me diz uma coisa quem eram os outros técnicos que trabalhavam com você?

AB: O Paulo.

Ent: O Paulo de Pádua.

AB: O Paulo eu chamei.

Ent: O Paulo de Pádua?

AB: Não, o Pádua... o Pádua depois...

Ent: Ah, o Paulo é esse que eu conheci agora.

AB: É, sim. O Pádua depois saiu do serviço, não é?

Ent: Certo, é Francisco.

AB: É, o Francisco, aí eu chamei o Paulo e da Dona Lenita.

Ent: Qual é o nome todo do Paulo?

AB: Eu que treinei o Paulo e treinei Lenita.

Ent: É!?

AB: Foi.

Ent: Que chiquérrimo! O Paulo está fazendo trabalho de campo.

AB: É, e treinei o... e treinei o meu menino aí, o Emílio.

Ent: O Emílio, não é?

AB: E ainda quero treinar mais se aparecer, não é? (risos)

Ent: Ah, mais vai aparecer, não é? Porque eu acho que o serviço está crescendo.

AB: Está crescendo é, e cada vez fica melhor o serviço.

Ent: Hum, hum. E diz uma coisa como que é esse trabalho de campo que você faz o...?

AB: O serviço de campo nós fazemos o seguinte: primeiro quando nós fazíamos o levantamento, a gente chegava naquele povoado e convidava todo mundo pra vir fazer o exame, não é? Pesquisa em novos casos, não é? E todo mundo vinha, aí a gente fazia os exames, quem tivesse a gente já registrava o caso, não é? Caso novo, aí quando depois o Francisco de Pádua saiu, eu fiquei só, fazia o Alto e o Baixo Juruá, não é? Aí depois fomos treinando, eu te falei que o Dr. Guilherme que... fui treinado o Paulo e a Lenita, aí ficou o Paulo fazendo e eu fazendo o Alto e Baixo Juruá. Agora, o importante pra você ver uma coisa interessante aí: da década de [19]60 até [19]73, desprezaram o Baixo Juruá. Passou dez anos sem ter uma assistência, não é? (**pigarro**) Eu ainda calouro, quando fiz a primeira viagem para o baixo Juruá, ficei 53 casos novos.

Ent: Nossa!

AB: Aí até o chefe quando viu, o Dr. Hélio disse: ‘- Você está fichando gente com pano branco?’, ‘- Não, vá olhar’.

Ent: Esse trabalho de campo era feito viagem de barco pelos rios e parando nos povoadinhos? É isso?

AB: É sim.

Ent: É isso? Nossa! Então você conhece toda a população ribeirinha? O Coragem lá, é...

AB: Ah, o Coragem lá é famoso.

Ent: É o Coragem e o Papa. Olha só, então você, e você... porquê você ficou em Cruzeiro do Sul? Foi porque... você escolheu Cruzeiro do Sul...?

AB: Não, porque eu nasci bem dizer na região, não é?

Ent: Nasceu na região, é a sua região, não é?

AB: Me criei aqui.

Ent: E você quis ficar aqui, não é? É... agora você notou, você nota mudança nas políticas de controle da hanseníase desde que você está trabalhando? O que você...

AB: Não, depois do advento da multidroga melhorou demais, não é? Porque antes aquilo era só um... (pausa).

Ent: Só um paliativo, não é?

AB: É, só um paliativo porque a sulfona só não curava ninguém.

Ent: Você não dava alta, não é?

AB: Não, não tinha condição não agora...

Ent: A pessoa tinha que tomar remédio a vida inteira.

AB: Agora começando com a multidroga eu..... se vocês for lá eu vou mostrar o pessoal que eu lidava com ele, o tanto que tinha que a gente lidava com ele, 3 mil e tantas pessoas, hoje nós estamos reduzidos a 200 e poucas pessoas; o resto tudo estão de alta, não é? Aqueles pacientes que tem seqüelas, aquilo já estão tudo aposentado; acabou-se como eles dizem, então começo de agora para frente e se houver algum caso de alguém com seqüela, o descuido da própria pessoa que nós...

Ent: Da pessoa não ter procurado...

AB: Justamente isso, porque está todo mundo com...

Ent: Consciente.

AB: Consciente do que nós pegamos tudo...

Ent: Que tem tratamento, que tem onde...

AB: Tem tratamento, justamente isso. Então, como a gente diz: apareceu uma manchinha, corre para o serviço, procura o Coragem, procura o Paulo, procura o Emílio.

Ent 2: É um trabalho de orientação também, não é?

AB: Justamente um trabalho de orientação. Aí eu mando... faço a... como é que diz: ‘- Olhe, tome muito banho com sabão bruto, esse negócio de tomar banho com sabonete... quer namorar, passa o sabão bruto que é o que tira a sujeira...’.

Ent: (risos) É verdade.

AB: Tira a sujeira e depois então passa o sabonete para ir namorar, porque se você lavar uma roupa com sabonete, não tira o sujo não, agora se lavar com sabão bruto tira, não é? Então a gente fazia... o negócio perfeito, não é? (risos).

Ent: E diz uma coisa é e o quê que você..... e sobre a extinção do Serviço Nacional de Lepra o que você achou? Sobre o fim do Serviço Nacional de Lepra?

AB: Porque vai voltar, vai vir tudo para município, não é o que você quer dizer isso?

Ent: É, exatamente o que você acha?

AB: Eu não concordo.

Ent: Da municipalização?

AB: Não, porque não vão fazer a cobertura que nós fazemos. Eu aqui já estou sentindo, eu disse para o Dr. Guilherme nós vamos fazer, mas não vai dar, não vai... vê a

SUCAM: estão passando e a malária está aumentando mais, eles corriam o campo todinho, agora só vai lá na casa onde está um para... e o resto?

Ent: Para catar os mosquitos, não é?

AB: É. Não, eu estou lhe dizendo com toda a sinceridade. Pode ser que... pode ser que eu esteja errado, mas não acredito muito que eu esteja errado, nesse ponto não pode ficar sabendo disso (risos).

Ent: O Coragem me diz uma coisa, para você o que mudou na hanseníase desde esse tempo que você trabalha?

AB: Não, acabou-se... aqui em Cruzeiro do Sul acabou-se o preconceito, não existe mais [com] ninguém não.

Ent: O preconceito?

AB: Não, não existe, como é que diz? Você chega todo mundo vê um doente nem está ligando, acabou mesmo, não existe mais isso. Que bom, não é?

Ent: Que bom mesmo!

AB: Porque... mas o que acontecia era o seguinte: o pobre coitado daquele jeito ficava completamente humilhado, não é? Humilhado, um paciente humilhado. [pausa na gravação]

Ent: Acabou o preconceito que você estava falando. Mudou mais alguma coisa na hanseníase desde que você está trabalhando?

AB: Não, para mim está bem.

Ent: Está bem?

AB: Está bem porque todos estão... agora todo... como é? Todo mundo fica curado, cura mesmo, não é?

Ent: Me diz uma coisa Coragem, o que você achou de mudar o nome, de mudar de lepra para hanseníase?

AB: Melhorou, melhorou.

Ent: Melhorou?

AB: Bastante, não é? Porque naquele tempo o preconceito: “-Ah, lá vai um leproso, lá vai um leproso”, hoje não: portador de hanseníase.

Ent: E as pessoas aqui em Cruzeiro do Sul sabem que hanseníase e lepra são mesma coisa?

AB: Sabe.

Ent: Sabe?

AB: Sabe mas o pessoal já está...

Ent: Já... realmente não tem preconceito, não é?

AB: Não tem preconceito.

Ent: Certo e você... aqui em Cruzeiro do Sul o pessoal tem outro nome para falar lepra ou hanseníase?

AB: Não.

Ent: Morféia...?

AB: Não, não, não.

Ent: Lázaro?

AB: Não.

Ent: Nada disso?

AB: Nada.

Ent: É só hanseníase mesmo e com respeito, pelo jeito, não é?

AB: É.

Ent: Agora você teve experiência da sulfona injetável? Você trabalhou com a sulfona injetável?

AB: Trabalhei.

Ent: E o que você achou... qual foi a sua experiência com isso?

AB: Ficou na mesma.

Ent: Não tinha grandes resultados não, não é?

AB: Não, não, não. O resultado tem a multidroga, não é? (risos)

Ent: É a realidade, não é?

AB: É verdade.

Ent: E o que você achou dessa história de mudar de 24 para 12 doses?

AB: Boa.

Ent: Você achou bom?

AB: Sim, agora eu não acredito muito na pauci[bacilar].

Ent: Você não acredita na pauci[bacilar] ou no rom?¹ Esse de uma dose...

AB: Não, na pauci[bacilar], também que tem caso que voltou. Agora o problema como é que se diz? Talvez porque nós não tínhamos mitsuda, saber ver se era...

Ent: Se era positivo ou negativo, não é?

AB: Negativo, justamente isso, não é? Então é... então nós aqui no interior preferimos jogar só a...

Ent: A multi[bacilar].

AB: A multi, seis meses e acabou, não é?

Ent: E acabou é. E diz uma coisa e a rom? Você já ouviu falar do rom, a dose única?

AB: Já, não acredito.

Ent: (risos) Se não acredita na pauci, não é? Na rom muito menos. (risos)

AB: Não, não dá pra acreditar certo?

Ent: (risos) É, não dá para acreditar... eu entendo você.

AB: Concorda? Concorda?

Ent: (risos) Concordo (risos). Eu entendo completamente... ai (suspiro). Agora você acredita que a hanseníase pode ser curada, não acredita?

AB: Pode demais, não é?

Ent: Você já falou aí o tempo todo, muitas vezes nisso, não é?

Ent 2: Isso é que faz a diferença, não é?

AB: É.

Ent: E diz uma coisa, o que você acha do MORHAN?

AB: Ajudou um pouco.

¹ O esquema ROM é um tratamento recomendado para os casos paucibacilares (hanseníase indeterminada e tuberculóide), com uma única lesão (mancha hipocrômica ou eritematosa, placa eritematosa ou área com diminuição da sensibilidade), sem nervo afetado, baciloscopias de raspado dérmico negativas e nenhuma contraindicação às drogas.

Ent: Não tanto quanto eles acham?

AB: Não tanto como eles esperavam porque às vezes eles gostam de falar demais, não é?

Ent: Quem fala demais, você ou eles?

AB: Não, eles.

Ent: Ah, você não (risos).

AB: Não, porque eles querem uma coisa que é impossível, que acha que a gente está... é a tal coisa..... porque eles querem ter direito a tudo às vezes sem ter, não é? Hoje... anos atrás eles, como é que diz? Aposentavam qualquer portador de hanseníase aposentava.

Ent: É, mancha, aposentava.

AB: Mancha aposentava, hoje..... não.... hoje é como é que diz? Eles apenas, o INSS ele dá o benefício...

Ent: Dá o benefício enquanto precisa, não é?

AB: Enquanto está fazendo o tratamento, aí eu explico para eles o seguinte: ‘-Meu amigo é o seguinte: não tem mais... nós damos... o INSS dá o benefício enquanto você está tomando a medicação, enquanto você está em tratamento. Depois do tratamento não, você vem aqui que eu dou um atestado, entendeu? Dou-lhe um atestado para você trabalhar em qualquer um órgão.’, porque lá nós fizemos sempre uma triagem. O nosso serviço aqui, o camarada vai procurar um emprego, então ele vai passar por nós para gente ver se ele tem algum problema de hanseníase. Então nós carimbamos que... NH negativo quem não tem e então você emprega em qualquer outro canto e passa também, faz triagem também pelo serviço de tuberculose, passa pelo serviço de tuberculose lá é... vacina, tuberculose e hanseníase lá onde nós trabalhamos, perfeito.

Ent: Olha só, Coragem e diz uma coisa o que aconteceu na sua vida de bom e de ruim por causa da hanseníase? Você lembra?

AB: Não, de bom... (risos) eu estou achando bom, não é?

Ent: (risos) A sua vida está boa.

AB: Está boa e de mal eu não tenho nada a dizer, para mim tudo foi belo, entendeu? Com a proteção da natureza, da mãe natureza, que é o nosso chefe Deus, não é?

Ent: Olha só e como é que é a relação dos doentes, dos hansenianos com a comunidade?

AB: Boa.

Ent: É boa?

AB: É, ninguém vê mais nem ninguém enfermeiro... todo mundo trata todo mundo bem.

Ent: Todo mundo é gente, não é?

AB: Eu acho ótimo. Eu acho que, inclusive, a primeira cidade de Cruzeiro do Sul que todo mundo não tem esse preconceito, não tem mais nada, acho que tratam o ser humano como...

Ent: De igual para igual, não é?

AB: De igual para igual não tem... todo mundo dá uma mão no outro, ninguém tem aquele preconceito; o camarada, às vezes, pegava na mão do outro, aí ele ficava com a mãozinha assim... (risos) eu vi um camarada que uma vez chegou, um deputado, o pobre do hanseniano com garra, pegou na mão dele, aí pronto: saltou e ficou... eu disse: “Esse aí não vai ser eleito (risos)”.

Ent: (risos) Aí... e você tem alguma história interessante com paciente para contar para gente, alguma história engraçada essa aí já foi uma... (risos) do deputado...

AB: Espera aí, espera aí o Paulo, meu colega de trabalho eu tinha uma tarrafa, emprestei para ele, ele tinha levado um hanseniano (risos), o pobrezinho era aleijado, não é? E aí botava o pobre para mergulhar e rasgou quando chegou minha tarrafa toda rasgada eu digo: “Rapaz minha tarrafa desse jeito”, ele disse: “Era porque o pobre do doente estava mergulhando lá embaixo e não podia se enganchar porque as mãos não tava e rasgava a tarrafa antes de subir”.

Ent: Ai, Meu Deus! Ô Coragem, você tem plano de se aposentar? Você aposentou, mas voltou a trabalhar e aí você ...

AB: Não, mas esse outro eu não posso me aposentar mais.

Ent: Não pode mais não?

AB: Não esse aí eu estou... aí é o seguinte: se o governo quiser jogar para fora, eu não posso dizer nada, se eu quiser sair, ele também não pode dizer nada.

Ent: É, qualquer parte, quem não quiser... mas você pretende trabalhar enquanto você tiver saúde?

AB: Se Deus quiser.

Ent: Se Deus permitir, não é?

AB: Quem pára enferruja, não é?

Ent: Eu também acho.

AB: Toda a máquina que pára enferruja, não é? Assim é o ser humano: parou, enferrujou. Começa a aparecer reumatismo, dor nas costas, daqui para acolá e a gente estando trabalhando direitinho não fala da vida alheia.

Ent 2: Então não pretende parar, não é?

Ent: É, e não fala da vida alheia o que é melhor, não é? (risos)

AB: É claro!

Ent: E a família fica mais feliz também, não fica?

AB: É, e uma coisa também: eu não sou político; tanto faz ganhar seu fulano, como seu ciclano, para mim está bem, não é?

Ent: É, isso é importante.

AB: Isso é que é importante para nós que trabalhamos na saúde, eu acho.

Ent: E o senhor acredita ver o Acre acabar com a hanseníase, não existir mais hanseníase no seu Estado?

AB: Acredito demais enquanto o Coragem existir mais o Dr. Guilherme e o Paulo, nós vamos acabar mesmo. Ora! A não ser que nós não seja... como é que se diz?

Ent: Substituídos, não é?

AB: Não, não é ser substituído, como é que diz? Que não venham recurso para gente...

Ent: Ah, se vocês forem impedidos.

AB: É justamente isso, mas nós vamos acabar se Deus quiser, nós, nós todos...

Ent: Nós todos.

AB: ...Da dermatologia não é só do Acre não, o pessoal todo, entendeu?

Ent: E diz uma coisa, você quer fazer algum comentário ou...

AB: Não, o comentário que eu poderia fazer era o seguinte: que essa parte do Amazonas, de Eirunepé pra cá é feita por aqui, entendeu? É feita por aqui, quem faz é o doutor Guilherme... a gente é que faz aqui, tem uns dois lá na cidade nova, mas ele não faz a cobertura, quem faz somos nós por aqui.

Ent: Certo.

AB: Entendeu? Só quem faz é por aqui.

Ent: O senhor acha que tinha que ter uma assistência maior...

AB: Uma assistência maior justamente para o Baixo Juruá porque é feito por aqui. Agora eu não sei se o Dr. Guilherme tem alguma coisa... mas ele nunca me falou nisso.

Ent: O Baixo Juruá já sai do Estado do Acre também, não é?

AB: É, porque...

Ent: Vai para o Amazonas.

AB: Já vai para o Amazonas porque o pessoal que for registrado lá agora, se passar a município não pode...

Ent: Não pode...

AB: Constar...

Ent: Ah, ainda tem esse problema da municipalização, não é?

AB: É justamente isso.

Ent: Olha, Coragem obrigada por dar... esses minutinhos, essa entrevistas para a gente, a gente está muito feliz de conhecer o senhor, não é? E muito obrigado mesmo, parabéns pelo seu trabalho maravilhoso, viu?

AB: Obrigado e parabéns para vocês também que vieram conhecer o Acre, para todas três, está bom?

Ent: Está bom.

AB: Obrigado também e vocês também, minha jovem...